

Jaci C. Maraschin, sacerdote, poeta e teólogo anglicano

Luis Osório Pires Prado*

*“... de praga, peste, e fome; da guerra e assassinio,
e da morte repentina e impenitente,
Livra-nos, bom Senhor.”*

Litania ou Súplica Geral, Livro de Oração Comum, página 54

Relendo as notas biográficas levantadas pelo Rev. Oswaldo Kichkoeffel sobre a vida e ministério do Pe. Dr. Maraschin, decidi que a única forma pela qual posso expressar meu apreço ao amigo e colega Jaci C. Maraschin somente pode dar-se pelo acesso do coração. É como com a oração. Ela pode até começar pela cabeça mas logo deve achar seu verdadeiro habitat, o coração.

Ao pensar no Pe. Maraschin, me vem à lembrança outro poeta, sacerdote e teólogo anglicano. Relembro George Herbert (1593-1633), que também começou seu ofertório de vida numa pequena paróquia do interior. Dali ele escreveu “The Country Parson”. Ele, como o Pe. Maraschin, também desejava “*que a adoração fosse o ponto central na vida dos membros da igreja.*”

“This is the famous stone
That turneth all to gold,
For that which God doth touch and own
Cannot for less be told”.

George Herbert, Teach me, my God and King

A outra lembrança que me ocorre, tentando ser fiel ao Maraschin e seu sacerdócio, é a súplica da antiga Litania da Igreja, tal como a referi acima. Celebrar cinquenta anos de ordenação como servo da Igreja de Deus representa um sinal de bênção que poucos conheceremos. Certamente é uma das marcas da promessa para os que conseguem ser fiéis no pouco e também no muito. Tudo o que estamos agora recordando com gratidão, não aponta só para o passado. O Maraschin cresce em idade e, nós também com ele, pressentindo o outro extremo da curva biológica que nos dobra a todos. É assim que, ao florescer da idade avançada, temos vontade de rezar a Litania, de forma um pouquinho diferente: “... *da idade avançada, da incontinência, da senilidade, livra-nos bom Senhor...*” Sabendo de nosso apego às raízes antigas da piedade anglicana, a lembrança devocional da Litania certamente nos fará um grande bem. Afinal, temos aqui conosco o mesmo Pe. que a rezava com fervor, junto ao seu povo, em São Gabriel. Bendito seja Deus por sua vitalidade e capacidade de trabalho, seu testemunho e seus desafios aos mais jovens.

* Bispo da IEAB e Reitor do SETEK (Seminário Teológico Egmont M. Krishke)

As pessoas tendem a compreender a vida como um ciclo de crescimento físico que tristemente acaba em declínio físico e deterioração. É verdade que as alterações exteriores são visíveis em nosso crescimento em idade. Mas elas não conseguem expressar a dimensão cristã deste processo. À luz da fé no Ressuscitado, nossa vida não é só crescimento físico seguido de deterioração. É, sim, crescimento físico como alicerce para maturação pessoal e espiritual. A idade “dos mais velhos” deve significar um tempo de florescimento do ser espiritual, a continuação do processo de desenvolvimento da visão de Deus.

Teilhard de Chardin falava das “*negatividades da vida*”. Todas elas tendem a nos fazer andar mais lentamente mas podem também ser usadas para nos ajudar a crescer na oração, na paciência e no amor. O ensino paulino nos recorda que “*a vida de Jesus deve manifestar-se em nossa carne mortal*” e, ainda, “*embora nossa natureza visível se desgaste, nossa natureza interior é renovada todos os dias*”. Em outras palavras, é isso o que vejo no Maraschin, ou em homens como o nosso saudoso D. Sumio Takatsu. A natureza espiritual interior deve brilhar através das nossas rugas; aí, o Cristo de Deus pode ser ainda visto, cada vez mais. Para cristãos maduros, a vida não é só matéria de crescimento físico e declínio inexorável. Isto seria triste demais. É peregrinação de crescimento físico e consolidação da personalidade, seguidos de ainda mais crescimento, como seres espirituais que têm um destino eterno. É aí que podemos aprender o milagre da fé e da esperança, repetindo-se sem cessar.

Pode acontecer, e acontecerá que, pelo menos em parte, em nossa velhice, sejamos parecidos como um casaco velho pendurado no cabide. Mas será diferente se, pelo milagre do amor, nossas almas forem capazes de bater palmas e cantar ainda mais alto pela alegria do Céu.

Assim são, para o Maraschin, e para um ex-aluno como eu, a fé católica, a santa liturgia, o canto anglicano, a vocação, a poesia, “*Strasbourg et Montpellier... pas mal des belles choses pour renforcer l’ amitié.*”

“Louva, ó minha alma, ao Senhor de poder e grandeza,
E subam cânticos da universal natureza.
Os céus além
Entoam hinos também,
Com reverência e beleza!”

Benedic, anima mea, J. C. M. - hino 200 do HE